

Hipermodernidad, comunicación y malestar: un cuerpo extendido y no intercultural

Hypermodernity, communication and malaise: an extended and non-intercultural body

Hipermodernidade, comunicação e desconforto: um corpo ampliado e não intercultural

Patricio DUGNANI

patricio.dugnani@gmail.com

Universidade Presbiteriana mackenzie

Brasil

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 156, agosto-noviembre 2024 (Sección Monográfico, pp. 53-68)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 22-06-2024 / Aprobado: 12-08-2024

Resumen

Tomando como esenciales tres cuestiones: la interculturalidad, la globalización del malestar y la ampliación de la percepción que producen los medios de comunicación, este artículo pretende observar cómo el uso de los medios digitales ha producido un efecto de malestar en los seres humanos, denominados, hipermodernos. Globalizar, en lugar de riquezas, sólo otros males. Además, se reflexiona sobre cómo el desarrollo de las relaciones interculturales puede emerger como acciones que, si no resuelven estos problemas, al menos señalen caminos a seguir. Esta investigación será exploratoria; metodológicamente utilizará los conceptos de la teoría de los medios para comprender el uso de los medios. También relacionará estos conceptos con las ideas de los estudios culturales sobre la interculturalidad.

Palabras clave: Comunicación; Interculturalidad; Hipermodernidad; Malestar.

Abstract

Taking three questions as essential, interculturality, the globalization of malaise and the extension of the perception produced by the media, this article intends to observe how the use of digital media has produced an effect of malaise on human beings. hypermodern, just as they seem to globalize, instead of riches, only other evils. In addition, to reflect on how the development of intercultural relations can emerge as actions that, if they do not solve these problems, at least indicate ways forward. This research will be exploratory and, methodologically, will use the concepts of media theory to understand the use of the media. It will also relate these concepts to the ideas of cultural studies on interculturality.

Keywords: Communication; Interculturality; Hypermodernity; Malaise.

Resumo

Tomando três questões como essenciais, a interculturalidade, a globalização do mal-estar e a extensão da percepção produzida pelos meios de comunicação, pretende-se observar, nesse artigo, como o uso dos meios digitais tem produzido um efeito de mal-estar no humano hipermoderno, assim como parecem globalizar, ao invés das riquezas, apenas outros males. Além disso, refletir em como o desenvolvimento de relações interculturais podem surgir como ações que, se não solucionem esses problemas, pelo menos indiquem caminhos a seguir. Essa pesquisa será exploratória e, metodologicamente, irá utilizar os conceitos da teoria dos meios para entender o uso dos meios de comunicação. Irá também relacionar esses conceitos, com as ideias dos estudos culturais sobre interculturalidade.

Palavras-chave: Comunicação; Interculturalidade; Hipermodernidade; Mal-estar.

Introdução

A imagem de Atlas carregando o mundo nas costas é uma presença marcante no imaginário humano, e se torna fonte de inspiração para o desenvolvimento de diferentes representações desse mito, em diferentes suportes materiais – meios de comunicação: seja em gravuras de tratados alquímicos, seja em pinturas da Idade Moderna, seja em tatuagens na contemporaneidade. Torna-se possível pensar, de maneira bem hipotética, que, talvez, esse mito tenha inspirado um dito popular que quer representar o cansaço do indivíduo, mediante as tarefas que tem que realizar e, de forma constante, sem ajuda. O dito popular é: Eu carrego o mundo nas costas.

Esse mito, que de um modo mais ficcional se apresenta de maneira hiperbólica, ou seja, tão exagerado que não parece ser verossímil, na verdade carrega, principalmente, em relação ao uso dos meios digitais, um certo grau, senão de veracidade, pelo menos de uma metáfora sincera da condição humana.

Afirma-se isso, pois, tomando a metáfora de carregar o mundo nas costas, como uma reafirmação da preocupação com os acontecimentos do mundo, em relação à frágil condição humana; os meios de comunicação digitais, a internet e as redes sociais, acabam apresentando ao humano contemporâneo, muito mais motivos para se preocupar, do que no passado nos apresentavam outros meios. Seguindo a reflexão de Marshall McLuhan (2016) e refletindo como os meios são extensões da percepção humana, o humano contemporâneo está muito mais exposto a problemas de âmbito global, do que estava, quando tinha, por exemplo, apenas a fala como meio de comunicação. Hoje, num mundo globalizado, as chuvas na Califórnia e o preço da laranja, a seca na China e a safra de soja, as intempéries na África do Sul, a guerra na Síria, nos afetam de maneira muito mais rápida e direta, do que na antiguidade. Por isso, é possível pensar que a percepção, e porque não dizer, o corpo humano, no momento contemporâneo, mudou suas dimensões por causa do uso dos meios de comunicação digitais, da internet, e das redes sociais. Contudo, o corpo não cresceu fisicamente, propriamente dito, mas, concordando com McLuhan (2016), se estendeu. O corpo humano contemporâneo se estendeu, sendo capaz de perceber fenômenos que vão além dos limites biológicos de seus sentidos. Esse tipo de extensão a que se refere é a dos sentidos, não dos corpos físicos em si, mas da percepção humana.

Para McLuhan (2016), os meios de comunicação são extensões da percepção humana, dos sentidos, e mesmo, do próprio sistema nervoso. Com essa extensão a humanidade é capaz de ver além dos limites dos olhos, escutar além dos limites do ouvido, e, com os avanços tecnológicos, outros sentidos têm tido seu potencial ampliado. Contudo, dialeticamente, toda benção tem sua maldição, por trás da extensão dos sentidos promovida pelos meios de comunicação, existe uma questão que esse artigo quer observar: assim como Atlas carrega o mundo nas costas, como esse corpo estendido tem se relacionado com o aumento da informação, e sua consequente preocupação com os acontecimentos do mundo.

Afinal, quanto maior o alcance dos meios, maior será a extensão dos sentidos, e a quantidade de informações que será capaz de acessar. Com isso, se antes o ser humano tinha que se preocupar com sua tribo (aproveitando a metáfora da Aldeia Global de McLuhan), agora o mundo inteiro é fonte de preocupação. Será que esse fator tem trazido inquietação e efeitos nocivos à saúde humana? O corpo estendido no mundo, vivendo uma mistura intensa de culturas, se torna um corpo globalizado e intercultural? Estas são questões que se pretende debater.

Para desenvolver esse artigo, primeiramente, é preciso definir a contemporaneidade, a qual deverá ser denominada como Hipermodernidade. Será denominada Hipermodernidade, concordando com autores como Gilles Lipovetsky (2015) e Hartmut Rosa (2019), pois, diferente do que retrata o conceito Pós-modernidade – como um novo momento histórico – entende-se essa contemporaneidade como sendo um momento histórico onde as características da Modernidade se aceleraram, mas não se modificaram.

Em segundo lugar, pretende-se entender o ser humano Hipermoderno como um corpo estendido e com potencial de ser intercultural. Esse corpo estendido pelos meios de comunicação será analisado pela visão da teoria dos meios de McLuhan (2016). Enquanto a questão intercultural, tomando como um projeto, será entendida como uma ação que pode instaurar relações mais equilibradas entre os indivíduos e culturas diferentes. Com isso, ela irá propiciar uma reflexão que poderá proteger o humano hipermoderno do mal-estar causado pela sensação de incerteza (Bauman, 1998), que tem levado ao aumento, em boa parte da população, de males psicológicos como a ansiedade, a depressão, as quais tem sido causado pelo uso intenso dos meios de comunicação digitais. Nesse sentido, entende-se o mal-estar contemporâneo, de acordo com Bauman (1998), como sendo um jogo de perdas e ganhos: procura-se ganhar em segurança, deixando de lado a liberdade. Essa troca é feita pelo humano (que para Bauman é pós-moderno, mas para esse artigo é visto como hipermoderno), pois, devido a liquidez das estruturas contemporâneas, o ser humano sente uma sensação de que tudo é incerto, e mediante essa incerteza, procura criar um *locus* simbolicamente seguro.

Essa incerteza que promove o mal-estar no ser humano hipermoderno, se reflete em todas as metanarrativas (Lyotard, 2000 e Strinati, 1999), ou seja, nos discursos que compõem as estruturas da sociedade, a saber: o discurso social, político, midiático, moral, ético, familiar, entre outros. E, nesse artigo, o destaque será a sensação de incerteza nas organizações sociais, pois acredita-se que essa metanarrativa possui um forte potencial para gerar esse mal-estar descrito. Afinal, como será visto à frente, a extensão dos meios, principalmente os digitais, está produzindo um efeito contraditório ao previsto por McLuhan (2016), pois, ao invés de produzir uma Aldeia Global – uma união de diferentes comunidades e culturas – estaria produzindo uma fragmentação na sociedade,

que se reflete no atual aumento da polarização ideológica nos diferentes grupos da sociedade.

Por essas questões, a interculturalidade, que será observada a partir de autores como Maria Aparecida Ferrari (2015), Lisette Weissmann (2018), Natália Ramos (2013), parece sugerir uma possibilidade de desenvolvimento de uma relação mais estável, mais equilibrada, mais justa, menos preconceituosa e menos violenta entre as diferentes culturas. Acredita-se que o desenvolvimento das relações interculturais pela comunicação, poderá auxiliar na busca de uma sensação de certeza e de uma diminuição na polarização entre os diferentes grupos que tem composto a sociedade humana na Hipermodernidade.

Observando a possibilidade de desenvolver relações interculturais com o uso dos meios digitais, para além do potencial de mistura de culturas, quiçá espera-se que seja possível chegar a um processo de trocas de informações de forma mais justa. Isso, porque, existe como pano de fundo, uma globalização que não tem sido muito honesta, concordando com Milton Santos (2001), onde as trocas desequilibradas acabam produzindo desigualdade. Para Santos (2001), esse processo de troca de referências, essa mistura de culturas que ocorre no presente, tem repartido mais a pobreza, as doenças e os males em geral, do que as riquezas, e a informação. Por causa desse panorama é que o desenvolvimento de uma comunicação, que privilegie a interculturalidade, se torna imprescindível.

Tomando essa visão de Santos (2001) como referência, e, particularmente, a questão da globalização da sensação de mal-estar, bem como das doenças e de outros males em geral, é que esse artigo irá se guiar. O corpo estendido e ainda não intercultural do ser humano hipermoderno, tem observado, devido ao uso e a dinâmica global de troca de informações dos meios digitais, o surgimento de novos males que afligem sua saúde, primeiramente, mental, depois física. Com isso, a medicina e a psicologia, tem identificado diversas doenças que são causadas pelo uso excessivo dos meios de comunicação, entre tantas é possível citar: o FoMO (Giantomasso, 2017), a nomofobia, a síndrome do toque fantasma, náusea digital, transtorno de dependência da internet, hipocondria digital, efeito google, e vícios em jogos on line (Hilton, 2014).

Partindo dessas três questões – interculturalidade, globalização do mal-estar e extensão da percepção pelos meios digitais – pretende-se verificar nesse artigo, por fim, como o uso dos meios de comunicação digitais tem produzido o mal-estar no humano hipermoderno, assim como tem globalizado diversos outros males. Além disso, buscará refletir, como o desenvolvimento de relações interculturais pode surgir como uma ação que, se não solucione esses problemas, pelo menos indique caminhos a seguir. Nesse sentido, a percepção estendida, ou seja, o corpo estendido pelos meios de comunicação, precisa se tornar um corpo intercultural, para que possa gerar uma sensação que afaste o mal-estar que tem se abatido sobre os seres humanos.

Corpo estendido e a fragmentação social

O corpo estendido é uma realidade, o corpo intercultural é um projeto. No entanto, esse corpo estendido tem se chocado com a realidade, como um sistema que não suporta o volume de informação, o que tem causado alguns males ao indivíduo. Como se fosse um aparelho que precisa de uma atualização completa, ou ser trocado, pois sua configuração já não suporta mais as novas programações, o corpo estendido do ser humano te dá indícios de esgotamento. Essa parece ser uma boa metáfora para definir a relação do sujeito hipermoderno, com seu corpo estendido, ou seja, sua percepção ampliada em nível global.

Como dito na introdução, concordando com McLuhan (2016), a percepção humana sofre extensões graças aos meios de comunicação. Vive-se, hoje, a era dos meios de comunicação digitais, dessa forma, a internet e as redes sociais, principalmente, tem possibilitado que o indivíduo realize trocas de informação de maneira global. Essa extensão global, faz com que parte dos nossos sentidos, bem como nosso sistema nervoso, agora ganhe, também o mesmo alcance. Por isso, a percepção está virtualmente estendida, o sistema nervoso está estendido, conseqüentemente, o corpo humano está, virtualmente, estendido.

Esse corpo estendido, é também um corpo virtualizado, o qual acaba por sofrer um cibridismo (Gabriel, 2012), ou seja, um processo de hibridização entre a dimensão virtual do universo *on line* e *off line*. Esse processo faz com que a percepção humana, ou seja, o corpo virtual, passe a existir consecutivamente nessas duas dimensões, sendo cada vez mais difícil separá-las. Tornando-se um corpo estendido, mas ao mesmo tempo, vivendo em duas dimensões, acaba por se transformar, também, num corpo dividido, fragmentado.

A fragmentação do corpo estendido, pelo uso dos meios de comunicação digitais, se reflete na organização política humana, assim como preconizava McLuhan (2016), criando uma fragmentação, tanto social, como nos indivíduos.

A fragmentação social, descrita como desglobalização por Dugnani (2018) e como um corpo sem massa e massa sem corpo por Baitello (2015), cria uma contradição em relação ao conceito de Aldeia Global de McLuhan (2016), pois, o mesmo, previa a unificação das organizações sociais, devido ao uso dos meios elétricos e de comunicação de massa, não sua divisão.

Para McLuhan (2016), cada meio de comunicação produz alterações na organização social humana, de modo geral, alguns desenvolvem um processo de tribalização, outros de destribalização. A tribalização através dos meios de comunicação, aproximariam os seres humanos, criando laços mais próximos entre os indivíduos, projetando-se como uma organização tribal; enquanto a destribalização produziria um efeito contrário, a de hierarquização e de burocratização das relações humanas. Os meios tribalizantes, para McLuhan (2016) seriam, por exemplo, a fala e os meios elétricos, enquanto os meios destribalizantes seriam a escrita, e os meios impressos. Analisando essa visão de maneira cronológica, a fala surgiria como meio tribalizante, seria estendida,

até por volta do século XIX, pela escrita e pelos meios impressos, que são meios destribilizantes. Depois, com a chegada, principalmente, dos meios elétricos, voltaria a um processo de tribalização, ou como denomina o autor, retribalização. Sendo assim, no momento hipermoderno, deveríamos estar vivendo um processo de retribalização, o qual deveria produzir uma comunidade global, com características da valorização da coletividade, como em uma tribo: ou seja, a organização social humana estaria se estruturando, de acordo com McLuhan (2016), como uma Aldeia Global.

No entanto, esse processo é questionável, como afirma Dugnani (2018) e Baitello (2015). Para o primeiro, esse processo de desenvolvimento de uma sociedade global, um equivalente à Aldeia Global de McLuhan (2016), ou mesmo, uma Globalização, segundo Stuart Hall (2004), estaria sofrendo um movimento paradoxal, um verdadeiro dilema. Afinal, embora os meios de comunicação sejam globalizantes em seu funcionamento, os governos têm tomado medidas de fechamento das fronteiras, além do resgate de discursos nacionalistas, fortalecendo, assim, o preconceito, o racismo e a xenofobia. Segundo Baitello (2015), com o aumento do uso dos meios digitais, e o enfraquecimento do uso dos meios de comunicação de massa, está ocorrendo um movimento inverso à globalização, ou a tribalização. Na verdade, pela introdução dos meios digitais (incluindo a internet) as organizações sociais se fragmentaram – ou como denominaria o autor, se pulverizaram (Baitello, 2015, p. 18). Ou seja, as comunidades que haviam se organizado, durante o século XX, mediadas pelo uso dos meios de comunicação de massa, ao invés de se ampliarem em direção a uma organização global (Aldeia Global/ Globalização), com o advento dos meios digitais, teriam se pulverizado em inúmeras comunidades virtuais, produzindo, discordando de McLuhan (2016), múltiplas tribos que não mantêm um diálogo mais próximo, mas para esse artigo, fortalecem a polarização dos grupos humanos, como se tem visto no momento contemporâneo.

Essas múltiplas tribos polarizadas, não fortalecem os movimentos globalizantes, ou tribalizantes, mas, pelo contrário, os enfraquecem. As múltiplas tribos virtuais que vão se organizando, principalmente nas redes sociais, fortalecem, na verdade, um movimento desglobalizante, o qual cria esse dilema entre a funcionalidade dos meios digitais e seus resultados quanto à produção de uma comunidade global.

Com isso, esse dilema global, essa pulverização das comunidades, essa globalização injusta está incentivando um sentimento de polarização e a fragmentação cada vez mais intensa das relações sociais (fragmentação social). Esse fenômeno, além de gerar uma desglobalização, tem incentivado no aumento do individualismo, do que se chamou nesse artigo, de fragmentação dos indivíduos. Tanto a fragmentação social, como a dos indivíduos, gera incertezas quanto à sobrevivência do próprio projeto de sociedade humana, o que acaba por criar uma tensão na sociedade e entre seus indivíduos. Esse encadeamento de acontecimentos, acaba por gerar o mal-estar do momento contemporâneo,

seja ele denominado de mal-estar na Pós-modernidade, como fez Bauman (1998), ou na Hipermodernidade, como fez Rosa (2019).

Corpo estendido, fragmentação individual e o mal-estar da Hipermodernidade

O mal-estar na Hipermodernidade, como visto anteriormente, tem sido reconhecido pelo sintoma da sensação de insegurança, e sofre influências da fragmentação social, que o uso dos meios de comunicação digitais tem surgido como uma das causas. Essa fragmentação contraria a previsão de autores como McLuhan (2016), de que os meios acabariam, não por pulverizar (Baitello, 2015) as relações sociais, mas por criar uma sociedade global, capaz de viver de maneira tão coletiva, que se assemelharia, afinal, às relações tribais. O projeto de uma Aldeia Global de McLuhan (2016), ou mesmo uma globalização justa, parece estar em perigo, e para reverter essa situação, pelo menos na questão das relações sociais, a proposta de uma comunicação intercultural, parece ser uma possibilidade de caminho para resgatar o projeto social humano. Com isso, entende-se que o corpo estendido pelos meios de comunicação digitais, deva se tornar um corpo intercultural, para resgatar as relações sociais humanas entre diferentes grupos sociais e culturas. Mas como fazer o corpo estendido se tornar um corpo intercultural?

Não para responder essa pergunta, a qual precisa de mais ações, mas para refletir sobre ela, primeiramente, é preciso que o indivíduo hipermoderno se reconheça, menos como um objeto sagrado, e mais um ser humano. Esse indivíduo deve encarar os meios de comunicação, como um suporte necessário para o desenvolvimento das relações sociais, e não como uma forma de promover-se. Isso pois, os meios digitais, principalmente pelas redes sociais, têm se tornado um espaço para um humano que quer concorrer com outros, para se tornar uma mercadoria mais admirável, mais consumível, como afirma Bauman (2018). Além disso, é preciso entender sua posição de igualdade em relação aos outros seres humanos e a outras culturas, ao invés de passar muito tempo na utilização dos meios digitais, principalmente as redes sociais, para avaliar o comportamento do outro. As redes sociais estão se tornando um verdadeiro ringue de disputas ideológicas e de egos, ao invés de incentivar relações de respeito e compreensão dos valores dos outros que compõem a sociedade. Os meios de comunicação digitais, que deveriam ser os suportes materiais para manutenção da vida social em âmbito global, se tornaram ferramentas que produzem a fragmentação e a polarização mais acirrada dos grupos humanos.

Nesse sentido, a ubiquidade (Gabriel, 2017), ou seja, a capacidade de estar em diversos lugares ao mesmo tempo, que os meios digitais proporcionam aos indivíduos da sociedade hipermoderna, parece ter criado uma ilusão de poder equivocado nos indivíduos hipermodernos. Parece que a capacidade de estender sua percepção em nível global, está sendo confundida, com o potencial sagrado

de ser onipresente, onipotente e onisciente. Por causa disso, o ser humano hipermoderno acaba por achar que está na posição de ser divino, perfeito, e que uma de suas incumbências seria a de avaliar o outro, ao invés de conviver com ele. O sujeito da época da extensão global da percepção, produzida pelos meios digitais, parece desenvolver uma verdadeira ilusão de que seria uma espécie de ser sagrado, por causa do poder que emana da ubiquidade. Esse humano hipermoderno desenvolve, o que, na Grécia Clássica, é denominada como *hybris*: sensação de orgulho que aparece surge em seus heróis, quando, os mesmos, se sentiam superiores aos deuses. Por causa desse novo poder adquirido pelo humano comum, ele, e seu grupo de escolhidos, se sentem seres superiores, cuja missão seria a de julgar, e de avaliar toda sociedade, para que ela possa alcançar, enfim, a perfeição.

Essa visão do sujeito hipermoderno, é uma das causas que tem produzido a falência da alteridade, descrita por Byung-Chul Han (2015). Entendendo como alteridade, o processo de constituição do eu social, a partir da relação com o outro, é possível compreender que o ser humano não se forma, somente, por sua condição biológica, genética e natural, mas sim, que precisa passar por um processo de humanização para se constituir na dimensão social. Esse processo de humanização se realiza quando, e somente, em contato com o outro. Ou seja, através da convivência social com outros indivíduos que compõem a sociedade. Observando esse fato, a virtualização das relações humanas, e o afastamento do outro, que os meios digitais, acabam por enfraquecer a alteridade, como Han (2015) afirma. A falência da alteridade, potencializada pelo individualismo crescente, reforçado pelas relações distantes nos meios digitais, enfraquecem os relacionamentos humanos, dinamizando a fragmentação social, descrita no capítulo anterior, e pulverizando as relações sociais. Essas relações sociais, produzidas no contato entre o eu e o outro, quando se enfraquecem, fazem aumentar o individualismo, favorecendo, também, a polarização de opiniões, onde os discursos preconceituosos, e mesmo, a xenofobia ganham um terreno fértil para sua disseminação. Esse fenômeno é facilmente observável pela proliferação da pós-verdade no ambiente digital, principalmente das redes sociais, onde sobra mais espaço para debates baseados na emoção, do que na razão. Mediante essa observação, D'Ancona (2018), afirma que está sendo criada uma “sociedade da emoção e do ressentimento” que substitui o debate racional e científico, por opiniões surgidas na doxa, no senso comum. Afinal, entende-se como pós-verdade, não uma mentira, mas as afirmações baseadas em crenças e sentimentos subjetivos, ao invés de serem baseados em fatos objetivos, ou científicos (Prior, 2019).

Esse individualismo, essa sensação de ubiquidade, essa falência da alteridade tem fortalecido o movimento de fragmentação da sociedade e do indivíduo, o que, conseqüentemente, gera a polarização das opiniões, a manipulação da informação pelas *fakenews*, e a sensação de insegurança, devido a velocidade

que os conteúdos chegam à nossa percepção, e alteram nossos comportamentos e consciência.

A incerteza gerada nas relações sociais que se fragmentam, devido ao uso dos meios digitais, tem a ver com as transformações muito rápidas que a velocidade das trocas de mensagens tem sofrido. Ao entender a informação como conteúdos que promovem alterações de comportamento e consciência do indivíduo na sociedade (Coelho, 2012), se for levado em consideração essa equação, ela irá revelar, que, com o aumento da velocidade e alcance das informações, promovida pelo avanço da tecnologia e a extensão dos meios de comunicação (McLuhan, 2016), aumentará também a velocidade e a quantidade de transformações na sociedade. Dessa forma, com essa aceleração das trocas de informação, é possível compreender de onde vem boa parte da sensação de incerteza, a qual acaba por criar o mal-estar na sociedade. Ou seja, o mal-estar na sociedade hipermoderna, nasce, além de outros fatores, do próprio uso dos meios de comunicação e da troca de mensagens. Por causa da sensação de incerteza, gerada pelas transformações constantes e rápidas na sociedade, produzidas pelas trocas de informação nos meios de comunicação, é que o humano hipermoderno, acaba por trocar sua liberdade, pela sensação de segurança, produzindo a sensação de mal-estar descrita por Bauman (1998).

Fato que parece muito ambíguo, pois os meios de comunicação, assim como a informação, as quais deveriam produzir esclarecimento e desenvolver as relações humanas; na Hipermodernidade, tem produzido confusão e polarização das opiniões, tanto pela divulgação de boatos, *fakenews*, como pela falência da alteridade, pela ascensão do individualismo e pela fragmentação das relações sociais.

Por causa dessa dinâmica descrita e da aceleração produzida pelos meios de comunicação (Rosa, 2019), o ser humano hipermoderno parece não estar suportando bem as relações virtualizadas, e a quantidade de informação, a qual precisa administrar, o que tem levado a comunidade humana, a um aumento da sensação de incerteza. A incerteza produzida nesse processo, a velocidade das mudanças, a liquidez da sociedade (Bauman, 1998), cria uma necessidade constante do indivíduo de se adaptar às transformações cada vez mais rápidas, isso acaba por gerar um forte sentimento de insegurança, o qual desenvolve, enfim, o mal-estar descrito por Bauman (1998): onde o humano hipermoderno acaba por preferir trocar a liberdade pela sensação de segurança. Nessa dinâmica, por exemplo, esse humano hipermoderno acaba por buscar representações de certeza, muitas vezes num passado que nunca viveu, mas apenas idealizou. Numa utopia do passado, a qual Bauman (2017) denominou como retrotopia.

Essa retrotopia se manifesta, pois o indivíduo contemporâneo entende que o futuro sendo incerto, o que sobra para ele, é apenas buscar satisfazer seus desejos, obtendo prazer rápido (hedonismo) no presente, além de olhar com saudade um passado que parecia pleno de certezas. Esse fator explicaria

o motivo para o retorno de discursos negacionistas, e fundamentalistas na Hipermodernidade: o mal-estar. O mal-estar, que leva os seres humanos a abdicarem de sua liberdade e dos seus discursos, em nome de um projeto de segurança, resgatado, muitas vezes, de ideologias totalitárias do passado, que se aproximam de posições fascistas, como as representadas por diversos políticos e grupos sociais na atualidade. Esses discursos ganham cada vez mais espaço e potência, devido a falência da alteridade, promovida, muitas vezes, pelo uso dos meios de comunicação digitais, e que ganham terreno ainda mais fértil, nas redes sociais, devido, tanto a virtualização da presença do outro, quanto como da necessidade de se sentir-se pertencente a algum grupo. Essa relação adoecida, promove, num sentido recíproco, também, o mal-estar, além dos outros males que afligem a sociedade hipermoderna, como, por exemplo, a ansiedade ou a depressão.

Com tudo isso, esse artigo não pretende propor a desativação dos meios de comunicação digitais, mas sim, a necessidade em se resgatar as relações sociais e reverter o processo de falência da alteridade, utilizando esses meios, com uma estratégia que valorize o outro, o diferente, ou seja, valorize a multiplicidade de culturas, garantindo uma troca justa de influências e informações entre as diversas comunidades humanas. Por isso, acredita-se que uma estratégia de comunicação intercultural, de valorização da interculturalidade, poderia ser uma ação que, sustentada pelos usos dos meios de comunicação digitais, reverteria esse processo de desglobalização (de pulverização de culturas, e de individualismo), promovendo uma diminuição desse mal-estar que assola a sociedade hipermoderna. Ou seja, com essa observação, o corpo estendido, que sofre com o mal-estar, poderia se tornar um corpo intercultural que conviveria com esse fenômeno.

Da Interculturalidade

Antes de debater sobre o potencial da interculturalidade, é preciso definir um conceito, suas competências e vertentes estruturantes (Ramos, 2013), as quais servem como uma fonte norteadora para desenvolver atividades para reverter o quadro de falência da alteridade e do individualismo, bem como dos pensamentos totalitários e preconceituosos que estão preenchendo cada vez mais os espaços informacionais dos meios de comunicação digitais. Ou seja, a partir dessas ações, talvez possa ser possível passar de um corpo apenas estendido, para um corpo intercultural.

Entende-se, aqui, a interculturalidade, como um projeto que possa, primeiramente, romper com visões etnocêntricas que permeiam historicamente as relações multiculturais de diferentes grupos humanos, assim como, segundo Ferrari (2015), o desenvolver as relações de diferentes grupos humanos e de suas culturas. Como um projeto, espera-se desenvolver nesse momento, reflexões que possam ajudar a iniciar essa missão, de maneira que as culturas troquem

suas informações e influências sem se imporem, ou sem desestabilizar as relações culturais de ambas as comunidades. Dessa forma, apoiado no conceito de Ferrari (2015), entende-se como interculturalidade, como sendo além das trocas entre culturas, um projeto para desenvolver esse processo de maneira equilibrada.

Embora Ferrari (2015) diga que a interculturalidade já existia desde as origens das comunidades humanas, desenvolver um projeto de comunicação intercultural é um desafio para solucionar o problema da fragmentação social e a falência da alteridade, produzida, entre outros fatores, pelo uso equivocado dos meios digitais de comunicação na Hipermodernidade.

Para isso, a interculturalidade tem como objetivo o desenvolvimento de um processo de comunicação intercultural, que seja capaz de ligar o eu ao outro, ou seja, de integrar culturas, ao invés do que, outrora, apresentavam diversos projetos civilizatórios e etnocêntricos que, no passado, buscavam substituir modelos culturais considerados primitivos, por modelos etnocêntricos considerados mais evoluídos: como ocorreu nos processos de colonização em épocas passadas.

Para se desenvolver um projeto de comunicação intercultural, é preciso resgatar as relações de alteridade, que são a base da organização social humana, as quais o uso dos meios de comunicação digitais tem produzido o efeito contrário, não de reunião, mas de fragmentação, como dito anteriormente. Por isso, Weissmann (2018) afirma que é preciso abandonar o individualismo, “a lógica do Um” (2018, p. 26-27) e buscar entender a sociedade por uma “lógica multívoca” (2018, p. 26-27) que se organiza a partir das diferenças, se conformando através das heterogeneidades.

Natália Ramos (2013) propõem, com isso, três vertentes estruturantes para um projeto que possa desenvolver as relações interculturais. Essas vertentes estruturantes exigem, para que o processo seja eficiente, de novos paradigmas para pesquisa da interculturalidade, e o resgate da alteridade, que, para esse artigo, tem sido minada pelas relações virtualizadas dos meios digitais, principalmente nas redes sociais. O Paradigma Intercultural, apresentado por Ramos (2013) deve “introduzir a pluralidade, a heterogeneidade, a descontinuidade, a complexidade e a multi/interdisciplinaridade na pesquisa, formação e intervenção, implicando um novo reposicionamento metodológico, epistemológico e ético” (Ramos, 2013, p. 352). Sendo assim as três vertentes estruturantes são: conceptual, metodológica e ética.

A vertente conceptual estipula que as diferenças culturais não podem ser consideradas estáticas, mas dinâmicas. A vertente metodológica deve se apresentar como um processo global e multidimensional, e, por fim, a vertente ética deve conhecer as diferentes culturas, mas antes disso, e principalmente, focar a atenção na compreensão das relações entre elas.

Conceptual. As diferenças culturais são definidas não como elementos objetivos com caráter estático, mas como entidades dinâmicas e interativas, que se dão sentido mútuo. A abordagem intercultural constitui uma outra forma de analisar a diversidade cultural, não a partir das culturas consideradas como entidades independentes e homogêneas, mas a partir de processos e de interações

Metodológica. A abordagem intercultural define-se como global, multidimensional e interdisciplinar, de modo a dar conta das dinâmicas e da complexidade dos fenômenos sociais e a fim de evitar os processos de categorização. Trata-se, para o investigador/educador/interveniente, de adquirir familiaridade com o universo social e cultural sobre o qual trabalha, de compreender as representações que o animam e de se interrogar de forma reflexiva não só sobre a cultura do outro, mas, também, e em primeiro lugar, sobre a sua própria cultura;

Ética. A perspectiva intercultural tem como objetivo o conhecimento das culturas, mas, sobretudo, a relação entre elas e o Outro, implicando uma atitude de descentração (Piaget, 1970). Envolve uma reflexão sobre a forma de respeitar a diversidade individual, social e cultural, de conciliar o universal e o particular, o global e o local, de adaptação à complexidade estrutural duma sociedade e à sua conflitualidade. (Ramos, 2013, p. 352-353)

Partindo dessas vertentes estruturantes, e da mudança do Paradigma Intercultural, Ramos (2013) observa que é necessário desenvolver, também, três competências básicas para o desenvolvimento do projeto: as competências individuais, as interculturais, e as de cidadania. As individuais têm a ver com a ação do indivíduo para promoção harmoniosa das interações sociais. As interculturais têm a ver com a capacidade de desenvolver sistemas de comunicação e linguagem que possam deixar mais flexível e menos impositivo o uso de representações entre as diferentes culturas, evitando-se, assim, discursos de intolerância e preconceito. Por fim, as competências ligadas a cidadania, visam fazer com que as relações interculturais se tornem mais eficientes, mediante uma relação democrática.

competências individuais que permitam interações sociais harmoniosas entre os indivíduos e as culturas e que promovam uma atitude de descentração, a qual permitira flexibilizar e relativizar princípios, modelos e competências apresentados como únicos e universais e evitar muitos comportamentos de intolerância e discriminação;

competências interculturais, sobretudo linguísticas, comunicacionais e pedagógicas, que facilitem, por um lado, a comunicação intercultural e a consciencialização cultural e, por outro, que promovam práticas e intervenções interculturalmente competentes e inclusivas, bem como profissionais e cidadãos culturalmente sensíveis e implicados.

competências de cidadania, que tornem possível o funcionamento democrático das sociedades e das instituições. (Ramos, 2013, p. 353)

Tomando-se essas vertentes e competências como base, seria possível constituir uma comunicação que privilegiasse a relação de interculturalidade,

do que relações preconceituosas, etnocêntricas, polarizadas e fundamentadas em pós-verdades, como observa-se hoje no conteúdo informacional dos meios digitais, principalmente os que vemos no uso das redes sociais. A partir desse ponto é que o corpo apenas estendido, de maneira funcional, pelos meios de comunicação, resgata sua dimensão humana e social, tornando-se um corpo intercultural. Esse corpo intercultural, o qual, não é apenas dotado da capacidade de perceber fenômenos em diferentes lugares, por causa da extensão dos seus sentidos, mas sim, de desenvolver uma visão crítica e dialética sobre as relações culturais, é que será a base para iniciar essa transformação. Afinal, além de perceber, o corpo intercultural deve ser capaz de agir de maneira consciente e responsável, privilegiando mais os discursos democráticos, o respeito ao outro, e a cidadania, do que os discursos totalitários, o preconceito e a polarização fundada em pós-verdades. Esse novo Paradigma Social (Ramos, 2013), poderá, também, senão solucionar, pelo menos diminuir a sensação de mal-estar na Hipermodernidade, pois diminuiria a sensação de incerteza, causada pela fragmentação dos discursos polarizados, substituindo-os por discursos coletivos que promovessem a unidade das comunidades humanas.

Considerações finais

O corpo estendido, agora transformado em um corpo intercultural, parece ser mais capaz de combater a sensação de mal-estar na Hipermodernidade, pois já não privilegiaria o individualismo, mas sim a coletividade, que McLuhan (2016), observava nas relações humanas organizadas a partir de meios de comunicação tribalizantes como a fala.

O corpo intercultural, estendido no mundo, não apenas perceberia, mas agiria criticamente, buscando fortalecer o discurso social, e não as opiniões subjetivas, que, muitas vezes, inundam as redes sociais, apenas para causar controvérsia. Afinal, é a polêmica, que acaba gerando maior visibilidade, ao sujeito, nas redes sociais, tornando-o, como disse Bauman (2008), uma mercadoria mais admirável para ser consumida. Nesse processo, o humano se desumaniza, transforma-se em um produto, que já não se importa com o outro, apenas consigo, e com a possibilidade de ser notado nos meios de comunicação e nas redes sociais. Desse modo, o indivíduo da Hipermodernidade acaba preferindo ser uma mercadoria a ser humano, por isso, esse processo leva à falência da alteridade, com isso, o aumento do individualismo.

Com o individualismo, aumenta a sensação de incerteza, pois ao invés de sínteses coletivas, o que se tem são opiniões particulares, fundamentadas nos desejos subjetivos, ao invés de debates centrados na razão, na lógica e na ciência. Esse tipo de discurso, privilegia um dos objetivos principais dos sofistas, que é vencer o debate, ao invés de buscar de maneira dialética, uma síntese histórica entre as contradições, que poderia servir de solução para o problema das relações sociais. Como exemplo desse procedimento, basta observar os

novos políticos e seus discursos totalitários, que se baseiam nos interesses pessoais, ao invés do bem-estar da comunidade. Basta observar os discursos negacionistas que vão desde a negação do formato circular da terra, como da falta de necessidade de tomar vacinas. Esses discursos, além de serem pautados em opiniões particulares, são perigosos, pois podem levar à morte populações inteiras.

Sendo assim, o respeito e uso democrático dos meios de comunicação digitais, bem como estratégias de representação através de adequações linguísticas e pedagógicas, a conscientização do respeito a diferentes culturas, as ações individuais que evitem discursos de intolerância, são algumas das estratégias que se deveria cultivar para um projeto de comunicação intercultural, o qual possa resgatar da falência as relações de alteridade entre os componentes de diferentes grupos. Essa ação responsável, esse novo Paradigma Intercultural, como afirmou Ramos (2013) - o de valorizar a pluralidade, a heterogeneidade, a interação entre culturas - poderá trazer uma nova organização social, que possa avançar, talvez, para uma globalização mais justa e equilibrada, ou, pensando de maneira mais esperançosa, projetar um caminho que leve a humanidade a tão almejada relação coletiva e tribalizante, que McLuhan (2016) preconizou como sendo uma Aldeia Global.

Referências

- Baitello, N. (2015). (A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo). As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos). (in). Lopes, M. I. V. de, e, KUNSCH, M. M. K. (org.). *Comunicação, cultura e mídias sociais*: ECA-USP.
- Bauman, Z. (2017). *Retrotopia*: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para Consumo*; Zahar.
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*: Zahar.
- Coelho, J. (2012). *Semiótica, Informação e Comunicação*: Perspectiva.
- Dugnani, P. (2018). Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. *Revista Famecos*, v. 25, n. 2, p. 1-14, ID27918. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>.
- Ferrari, M. A. (2015). Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. Em: Moura, C. P.; Ferrari, M. A. (orgs.). *Comunicação, Interculturalidade e Organização: faces e dimensões da contemporaneidade*: EDIPUCRS.
- Gabriel, M. (2017). *Luxo do século XXI: Privacidade, Tempo e Silêncio*. Disponível em: <https://www.martha.com.br/luxo-do-seculo-xxi-privacidade-tempo-e-silencio/>.
- Gabriel, M. (2012). *Cibridismo: ON e OFF line ao mesmo tempo*. Disponível em: <http://www.martha.com.br/cibridismo-on-e-off-line-ao-mesmo-tempo/>.
- Giantomaso, I. (2017). *O que é FoMO? 'Fear of missing out' revela o medo de ficar por fora nas redes sociais*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/05/0-que-e-fomo-fear-of-missing-out-revela-o-medo-de-ficar-por-fora-nas-redes-sociais.ghtml>.
- Hall, A. (2004). *Identidade Cultural na Pós-modernidade*: DP&A.
- Han, B. (2015). *Sociedade do Cansaço*: Vozes.

- Hilton, L. (2014). *Conheça 8 novas e importantes doenças provocadas pelo uso da internet*. Disponível em: <https://www.tudointeressante.com.br/2014/01/conheca-8-novas-e-importantes-doencas-provocadas-pelo-uso-da-internet.html>
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2015). *A Estetização do Mundo: Viver na Era do Capitalismo Artista: Companhia das Letras*.
- McLuhan, M. (2016). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*: Cultrix:
- Liotard, J. (2000). *A Condição Pós-moderna*: José Olympio.
- Prior, H. (2019). Mentira e política na era da pós-verdade: *fake news*, desinformação e factos alternativos. In Lopes, P. & Reis, B. (eds.), *Comunicação Digital: mídia, práticas e consumos* (pp. 75-97). : NIP-C@M & UAL. Disponível em <http://hdl.handle.net/11144/3976>. <https://doi.org/10.26619/978-989-8191-87-8.4>.
- Ramos, N. (2013). Interculturalidade(s) e Mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. *The Overarching Issues of the European Space*, pp 343-360. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12349.pdf>.
- Rosa, H. (2019). *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade*: Unesp.
- Santos, M. (2001). *Por uma Outra Globalização*: Record.
- Strinati, D. (1999). *Cultura Popular*: Hedra.
- Weissmann, L. (2018). Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Constr. Psicopedagógica*, v. 26, n. 27, p. 21-36. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542018000100004&lng=pt&nrm=iso>.